

ABORDAGEM DA FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: SUBSÍDIOS PARA A FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Vandei Pinto da SILVA¹

Resumo: A pesquisa, vinculada ao Núcleo de Ensino, teve como objetivo principal construir subsídios para a abordagem da filosofia no ensino fundamental e médio, com vistas à formação interdisciplinar do estudante. O ponto de partida foi o conhecimento do contexto em que atuam os educadores, por meio de análise de entrevistas com professores de filosofia egressos da UNESP e de análise de questionários versando sobre o perfil do aluno e seus familiares. As análises revelam que os docentes atuam em condições muito adversas. Os alunos estão desmotivados e para o ensino fundamental não há propostas formuladas para abordagem filosófica. No âmbito do ensino médio, a política educacional despreza a formação humanística, poucas são as escolas que optaram por filosofia. Os docentes declaram que sua formação filosófica foi demasiadamente teórica e encontram dificuldades para um trabalho interdisciplinar. A proposta da escola básica e as formas de abordagem da filosofia não correspondem aos problemas e expectativas de alunos e professores. Conclui-se que, abordar textos que no processo de formação suscitem reflexão e resgatem a identidade e a autonomia do estudante pode ser um caminho promissor.

Palavras-chave: Filosofia; ensino fundamental; ensino médio; formação humana; interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Partimos do pressuposto de que a atuação dos educadores do ensino fundamental e médio, no âmbito da educação brasileira em nossos dias, sofre influências principalmente do contexto socioeconômico e das políticas educacionais concretamente implementadas. O estágio atual do capitalismo, que na sua vertente neoliberal impõe a mundialização desigual da economia, tem acirrado exploração de países pobres e causado a exclusão social de grande parte de seus habitantes.

O distanciamento havido entre a produção tecnológica, que ostenta inúmeras facilidades e benefícios, e as restritas condições de acesso a tal produção, por parte das grandes maiorias populacionais, geram conflitos que vão desde manifestações de indisciplina e violência escolar até a ações terroristas e de guerra. Deste modo, as concepções de vida e de mundo têm sofrido contínuas mudanças de paradigmas, e o predomínio da visão técnico-utilitária na conduta ética apresenta como desafio educacional o resgate da humanização do ser humano como elemento imprescindível.

Cumpram às políticas educacionais resguardarem a autonomia de seus programas ante os interesses das imposições hegemônicas globalizadas. A universidade pública, por sua

¹ Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Campus de Marília

vez, não pode estar alheia a tal estado de coisas. Avaliamos, pois, que os Núcleos de Ensino (NE) se configuram como um setor de atuação da PROGRAD de grande êxito, especialmente, nas seguintes três dimensões: integração Universidade e Sociedade, via parcerias com Instituições Públicas; melhoria da qualidade do ensino básico e do processo de formação dos alunos de graduação e dos professores da rede pública; realização de pesquisa-ação com propostas de intervenção qualificadas.

Desde 1998, temos participado como colaborador ou coordenador de projetos do NE que tematizam a formação interdisciplinar e o lugar das ciências humanas e da filosofia no processo de formação integral do ser humano. Esses projetos, desenvolvidos de forma integrada com projetos que contemplam as áreas das linguagens e a das ciências e matemática, têm apresentado excelentes contribuições para a melhoria do ensino.

É nesse contexto que se situa a pesquisa intitulada: “Abordagem da filosofia no ensino fundamental e médio: subsídios para a formação interdisciplinar”, realizada nos anos de 2002 e 2003, com o objetivo principal de construir subsídios para a abordagem da filosofia no ensino fundamental e médio e contribuir para a formação humana e interdisciplinar dos estudantes. Como objetivos específicos dessa pesquisa elegemos: melhorar a qualidade do ensino fundamental e médio por meio da valorização da filosofia e das ciências humanas na formação integral da pessoa; aprimorar a formação dos educadores da rede pública e dos graduandos em filosofia da UNESP; conhecer o contexto em que atuam os professores do ensino fundamental e médio; pesquisar e selecionar em textos (filosóficos, literários, jornalísticos, etc.), *sites* e filmes, conteúdos que tratem das principais preocupações dos alunos e professores da rede pública; buscar estratégias alternativas de abordagem de textos e de outros materiais de ensino por meio da aplicação do material selecionado em salas de reforço e nos estágios; atender solicitação dos educadores da Rede Pública de produção de material didático-pedagógico, disponibilizando os mais relevantes.

O projeto foi contemplado com financiamento da Pró-Reitoria de Graduação da UNESP, em atendimento ao Programa dos Núcleos de Ensino, tendo usufruído recursos para aquisição de materiais de consumo, despesas de deslocamento, participação em eventos e cinco bolsas de iniciação científica, sendo selecionados dois bolsistas para o ano de 2002, e três para ano seguinte. Além dos bolsistas selecionados, todos do curso de filosofia, atuaram no projeto cinco estagiários, igualmente selecionados entre alunos do curso de filosofia.

A metodologia utilizada esteve calcada na pesquisa-ação. Constou de atividades de estudo, pesquisa, análise, reflexão, elaboração de material didático-pedagógico e de estratégias para sua aplicação. Na UNESP, foram realizadas reuniões semanais com os

bolsistas e estagiários e reuniões quinzenais com todos os integrantes dos projetos interdisciplinares, para os estudos teóricos e preparação dos materiais didático-pedagógicos. Nas escolas parceiras, foram discutidas e aplicadas as propostas. A dimensão interdisciplinar do projeto se concretizou por meio da articulação com outros cinco projetos do NE que atuaram nas mesmas escolas parceiras.

A proposta, portanto, se efetivou em quatro etapas interligadas:

- 1) Conhecimento da realidade em que atuam os educadores do ensino fundamental e médio. Esse conhecimento teve por base dados coletados e analisados em pesquisas anteriores do Núcleo de Ensino acerca do “Perfil do Aluno”, análise de depoimentos dos educadores da rede pública e observações das aulas e da realidade escolar por parte dos alunos estagiários e bolsistas;
- 2) Estudos teóricos e seleção de conteúdos que tratem das principais preocupações diagnosticadas entre alunos e educadores da rede pública, através da pesquisa em textos (filosóficos, literários, jornalísticos, histórias infantis, etc.), *sítes* e filmes;
- 3) Definição de estratégias para a aplicação do material selecionado em salas de reforço e nos estágios. As salas de reforço foram constituídas com alunos da E.E. “Maria Izabel Sampaio Vidal”, do distrito de Nóbrega, município de Marília e com alunos da EMEIF “José A. da Conceição”, Município de Lupércio. Os estágios no ensino médio foram realizados em escolas de ensino médio da Diretoria de Ensino de Marília que mantêm o ensino de filosofia, dentre as quais se inclui a E.E. “Maria Izabel Sampaio Vidal”;
- 4) Disponibilização do material didático-pedagógico produzido mais relevante para as escolas e educadores diretamente envolvidos no seu processo de elaboração.

Quanto ao conhecimento da realidade em que atuam os educadores, no âmbito do ensino médio, constatamos que a política educacional paulista despreza a formação humanística dos alunos (Silva, 2000), incluindo aí sua formação filosófica. Com efeito, as disciplinas de humanas são pouco valorizadas na grade curricular da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP).

As entrevistas com os professores de filosofia egressos da UNESP² revelaram muita insatisfação com as condições concretas de trabalho. Em primeiro lugar, quanto à fragilidade do vínculo empregatício. Há um pequeno número de aulas de filosofia disponíveis, dado que poucas escolas de ensino médio optaram por filosofia. Esse fato faz com que os professores, para completarem jornada de trabalho, atuem em várias escolas e em outras disciplinas. Alguns deles, mesmo tendo sido aprovados no último concurso público³ realizado em 1993, não conseguiram se efetivar porque não havia cargos disponíveis.

² Essa pesquisa foi realizada no ano de 2001, em projeto do Núcleo de Ensino, denominado “PCN e prática pedagógica: uma relação a ser construída”.

³ O Concurso Público para PEB II da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, realizado em 2003, não contemplou os professores das disciplinas de Filosofia e Sociologia. Esse fato confirma a tese do descaso das políticas educacionais no Estado de São Paulo em relação à formação humana dos estudantes do ensino básico. Desmente o discurso do secretário da educação em defesa da inclusão dessas disciplinas da grade curricular.

Nos depoimentos, os professores de filosofia alegam que no seu processo de formação não houve a devida formação pedagógica, em que pese boa base teórica que receberam. Há dificuldades para um trabalho interdisciplinar e integrado na escola por permanecerem muito pouco tempo nessas escolas. A rotatividade é freqüente, o que impossibilita o encadeamento dos projetos.

A análise da pesquisa sobre “O perfil do aluno”⁴, por sua vez, revela que os alunos são provenientes de bairros periféricos e suas famílias de baixa renda. Dentre os diversos dados coletados e que poderão ser discutidos em outro momento, cumpre destacar que as perspectivas desses adolescentes são muito limitadas. O percentual de alunos que trabalha é significativo e cresce na proporção das séries, o abandono da escola para dedicação ao trabalho é freqüente; 42,47% deles declaram gostar da escola atual, em primeiro lugar, por conta do ensino; em seguida, pelas amizades; e, por fim, por causa dos professores; 36,53% declaram não gostar da escola por causa da bagunça e da desordem, com ênfase para estranhos que adentram ao espaço escolar; 59,04% são contra a não reprovação, e 67,10% pretendem fazer faculdade para ter emprego e “ser alguém na vida”.

Cumpre destacar o fato de os alunos criticarem a desorganização e a bagunça em que se encontra o ambiente escolar e de não aceitarem a política de promoção automática tal como foi implantada pela SEE/SP. Avaliamos que índice de 67,10 % de alunos que têm como perspectiva cursar faculdade se deva à presença constante de docentes e estudantes da UNESP na Escola, por conta dos projetos do NE, fator relevante para a abertura de horizontes nas vidas desses alunos. Contudo, chamam atenção as duas principais motivações por eles apresentadas para o curso superior: a questão pragmática do acesso ao emprego e o fato de querer “ser alguém na vida”, o que semanticamente desnuda a imagem negativa que têm de si mesmos. Em suma, tanto professores quanto alunos sentem-se insatisfeitos com as propostas efetivadas pela escola pública básica, inclusive no tocante às aulas de filosofia.

No âmbito do ensino fundamental as preocupações se concentraram nas crianças com “dificuldade de aprendizagem” e destinadas às salas de reforço. Por se tratar de um projeto interdisciplinar em que atuou vários projetos do NE, o desafio com o qual nos deparamos foi o seguinte: qual proposta tem o projeto de filosofia para as crianças das séries iniciais do ensino fundamental?

As entrevistas realizadas com os pais das crianças do reforço e com essas próprias crianças foram muito reveladoras quanto à situação socioeconômica e cultural das

⁴ A pesquisa sobre “O perfil do aluno da E. E. Prof. Antônio Reginato” foi concluída em 2002, na vigência do Projeto do Núcleo de Ensino “PCN e prática pedagógica: uma relação a ser construída”. Os objetivos foram, por meio de ampla amostragem, traçar o perfil socioeconômico e cultural dos alunos, conhecer sua avaliação da escola e suas perspectivas de futuro.

famílias⁵. A forma de organização familiar difere da organização tradicional de família: pai, mãe e filhos. Muitas das crianças têm como responsáveis apenas a mãe, ou apenas o pai, avós, tias, madrastas, padrastos, irmãos mais velhos. As condições habitacionais são precárias, os responsáveis pelas crianças são semi-alfabetizados ou analfabetos, desempregados ou trabalhadores temporários. No contexto das duas escolas parceiras pesquisadas constatou-se que muitos dos pais são trabalhadores rurais. Estão sujeitos ao trabalho penoso, insalubre e de baixo prestígio social. São freqüentes os casos de violência doméstica e de alcoolismo.

Note-se que evitamos a pecha de que as famílias estão desestruturadas. Falamos em diferentes formas de organização familiar na medida em que a composição tradicional de família, por si mesma, não assegura bom aproveitamento escolar por parte dos filhos. De outro lado, não queríamos, *a priori*, culpabilizar os pais ou responsáveis pelo fraco desempenho das crianças na escola.

As professoras desses alunos reclamam principalmente de seu comportamento indisciplinado e de sua falta de interesse pelos estudos. Situação comprovada pelas observações realizadas nas classes regulares por alunos da UNESP, e mesmo nas aulas de reforço, classes estas compostas por no máximo 15 alunos – e com freqüência média de doze alunos – nas quais atuamos.

Os alunos, por sua vez, não percebem função na escola. O diálogo com os familiares praticamente inexistente. A baixa auto-estima dos familiares é transposta para as crianças. Há alunos que nunca saíram do Distrito de Nóbrega, para um passeio sequer à Marília. Suas expectativas em relação ao futuro são limitadíssimas. Tal diagnóstico indicou a necessidade premente de resgatar a identidade e de trabalhar a auto-estima desses alunos como ponto de partida.

Com relação à etapa destinada aos estudos teóricos e à seleção de textos consideramos que o trabalho foi apenas iniciado. Esses estudos se concentraram em referenciais para aplicação e análise dos questionários e entrevistas, sobre o lugar da filosofia no ensino básico, sobre indisciplinada, possibilidades de trabalho interdisciplinar e com projetos.

Com os alunos de filosofia integrados ao projeto as interrogações teóricas principais versaram sobre a possibilidade de introduzir estudos de filosofia para crianças e adolescentes. Com efeito, dependendo da concepção de filosofia que se adota, o filosofar se restringe a especialistas, a pessoas, no mínimo, tidas como já amadurecidas intelectualmente.

⁵ Esses dados foram coletados nas famílias dos alunos com dificuldades de aprendizagem pertencentes à E.E. “Maria Izabel Sampaio Vidal”, residentes em Nóbrega, Distrito de Marília e à EMEIF “José A. da Conceição”, município de Lupércio, respectivamente nos anos de 2002 e 2003. Realizaram a pesquisa os projetos do Núcleo de Ensino que atuavam interdisciplinarmente nessas escolas.

Se a possibilidade de filosofar chega a ser colocada com tal nível de exigência, muito mais polêmico será admitir o filosofar com estudantes do ensino fundamental e médio. Por outro lado, discutimos o conceito de criança que permeia a prática docente (Kohan, 2002). Via de regra, a criança não é vista em sua totalidade como ser que é capaz de pensar, escolher e sentir, mas como um ser incompleto, que necessita crescer e se preparar para no futuro vir a ser feliz (Pulino, 2002).

Buscamos na filosofia da práxis os referenciais para responder ao desafio que nos era apresentado, qual seja, se as outras áreas do conhecimento têm uma contribuição a dar na formação das crianças e dos adolescentes, qual seria a contribuição da área de ciências humanas e da filosofia? Não podíamos ficar alheios, ainda mais tendo presente o diagnóstico de que a formação humana do estudante encontra-se fragilizada. Com efeito, Gramsci (1891), ao afirmar que todo homem é filósofo na medida que todo homem pensa, abre caminhos para uma concepção do filosofar centrado no exercício da reflexão. No ensino de filosofia, no nível básico, não queríamos uma abordagem da filosofia presa a modelos como o das novelas de Lipman, mas em reflexões filosóficas sobre diferentes tipos de textos, tal como preconizam os PCN de Ciências Humanas (Brasil, 1999), textos por nós mesmos selecionados ou elaborados.

Os resultados dos trabalhos com as histórias infantis e as fábulas foram profícuos e merecerão um artigo à parte. Citamos como exemplo, a clássica história do Patinho Feio pela sua capacidade de penetrar o imaginário das crianças. Ao ressaltar que o belo é relativo a um padrão e que o diferente não é deficiente, esta história foi indispensável para tratar do problema da baixa auto-estima dos alunos e da discriminação racial. O mesmo se diga em relação à Fábula da Convivência (Dansa & Dansa, 2002). Inspirando-se em Schopenhauer os autores possibilitam aos alunos pensarem sobre valores de solidariedade, cooperação e boa convivência. Em síntese, a fábula refere-se a uma manada de porcos-espinhos atingida pela neve. Se a manada se dispersa, morrem congelados; e se ficam muito próximos, espetam-se uns aos outros.

Muitas histórias infantis e músicas foram utilizadas com êxito nas aulas de reforço. A inclusão dos itens “hora do conto” e “hora da música”, na rotina do dia, criou nos alunos não só o gosto por estas atividades como gerou neles uma sistemática disciplinar: todos sabiam o que devia ser feito em cada momento da rotina da aula. Ao perceberem sentido e encadeamento nas atividades os problemas de indisciplina se esvaíram.

Os integrantes do projeto de filosofia e do projeto de sociologia (“Ciências Humanas na educação básica: o desafio do fazer pedagógico”) escreveram histórias infantis versando sobre aniversário, tempo e espaço. Essas histórias tratam intencionalmente das

questões de ciências humanas e do resgate da auto-estima dos alunos. Esse tipo de produção deverá ter continuidade e poderá suprir lacuna existente no processo de formação das crianças.

Quanto ao lugar da filosofia no ensino médio, os estudos e pesquisas já se encontram num estágio mais aprofundado de reflexão. No entanto, a produção de material didático-pedagógico que assegure a articulação entre o cotidiano das escolas e o específico do filosofar (Silva, 1998), que é propiciar uma formação reflexiva, se apresenta como contínuo desafio. Autores como Severino (2002), Chauí (1995) e Vergez & Huisman (1984), indicam a diretriz adotada que é tratar de textos que instiguem os alunos do ensino médio à reflexão.

As discussões coletivas com os projetos interdisciplinares foram dedicadas aos temas da indisciplina (Aquino, 1996), aprendizagem e conhecimento (Vigotskii, 2001) e interdisciplinaridade (Santomé, 1998). Coletivamente também foram definidas as estratégias metodológicas de intervenção.

A questão metodológica sempre esteve vinculada ao domínio do conteúdo e ao processo de sua apropriação por parte de professores e alunos. Verificamos que enquanto os docentes das escolas parceiras não incorporavam uma nova concepção de ensino, incorriam em contradições na sua conduta de sala de aula. No reforço, por exemplo, atuavam segundo o pressuposto da construção do conhecimento; já nas salas regulares, atuavam como se o conhecimento devesse unicamente ser transmitido. Nesse processo, cabe citar o exemplo da professora que, diante de uma aluna copista, nas aulas do reforço, trabalhava com o alfabeto móvel e incentivava a aluna a escrever a seu modo; mas na sala regular, essa mesma professora incentivava a aluna ao treino da cópia.

Nos HTPC foram feitas avaliações das aulas, estudos teóricos e formulação de propostas pedagógicas. Esses momentos foram indispensáveis, uma vez que a participação do professor nesse processo constitui quesito importante para o êxito das atividades em sala de aula. Cabe lembrar, que uma das críticas ao programa de formação de professores de Lipman consiste exatamente no pressuposto equivocado de que ao professor bastaria a boa qualidade metodológica para aplicar com êxito propostas elaboradas por terceiros (Silveira, 2001). Ora, se o objetivo é formar crianças autônomas e reflexivas, o processo de formação dos professores não poderá descuidar desse aspecto.

Em relação a disponibilização do material didático pedagógico produzido, o mesmo se encontra nos arquivos do NE para consulta e em posse dos docentes, dos coordenadores pedagógicos e diretores das escolas parceiras que atuaram diretamente no projeto e na produção desse material.

Ante o exposto na questão metodológica, avaliamos que a disseminação desses materiais não pode prescindir do conhecimento do processo de sua produção, sob pena de comprometer o alcance dos objetivos a que se propõem. São materiais intencionalmente selecionados em função de diagnóstico de fatores que constituem problemas de aprendizagem. Materiais que supõe uma metodologia condizente com a teoria histórico-cultural, em que o conhecimento resulta das experiências históricas, sociais e culturais apreendidas pelos indivíduos. Materiais, portanto, que requerem re-elaboração por parte dos docentes que desejarem utilizá-lo.

O acervo de material didático-pedagógico conta com centenas de fábulas e histórias infantis, dezenas de músicas, histórias infantis produzidas, fragmentos de textos filosóficos, textos literários, filmes, etc. Esses materiais estão contextualizados e são indicadas estratégias para sua abordagem.

A realização do projeto em tela nos permite algumas conclusões.

Na “EE Maria Izabel Sampaio Vidal”, na “EMEIF José A. da Conceição” e nas Escolas Estaduais pesquisadas, que mantêm filosofia no ensino médio, há uma diversidade de problemas, difíceis até de serem catalogados. A questão central, e que beira ao constrangimento, é que os alunos estão aprendendo muito pouco nas aulas, a bagunça está generalizada, e os professores impotentes para superar tais impasses.

Alguém desavisado poderia considerar simples o entendimento de tais fenômenos e logo vir com receitas eficazes para a sua superação. Longe disso, os problemas diagnosticados são muito mais complexos do que imagina o senso comum, e as pesquisas sobre o assunto ainda estão distantes de resultados satisfatórios.

As estreitas possibilidades de superação dos limites impostos pela rudeza das condições histórico-sociais tendem a subjugar os indivíduos à condição de determinados. Um tal quadro se apresenta ainda mais nebuloso quando se trata de indivíduos ainda em desenvolvimento: crianças e jovens. Pior ainda quando o processo de formação inadvertidamente reitera o estigma da incompetência a ponto de gerar o fenômeno do aluno com “dificuldade de aprendizagem”.

O tipo de contato com o conhecimento que os educadores propõem aos alunos influencia, sobremaneira, a reação deles como sujeitos aprendizes. Precede, contudo, o tipo de contato que os próprios educadores têm com o conhecimento. Mesmo sendo dotados de uma infinita capacidade de aprendizagem⁶, nos limitamos a querer ensinar por meio de modelos

⁶ Aprendemos de múltiplas formas: ouvindo, sentido, vendo, dialogando, etc. Aprendemos pelas infinitas maneiras que temos para explorar o mundo.

únicos. Deste modo, o educador em vez de entrar nas referências do aprendiz, é o inverso que se espera; que o aprendiz adentre no mundo do educador. As trocas entre aprendizes e educadores ficam bloqueadas. O diálogo emperra. Como consequência, manifesta-se a indisciplina, a falta de interesse, o desânimo. A aprendizagem e o desenvolvimento são limitados.

Certamente à filosofia *per se* não se pode atribuir a tarefa de redentora dessa situação. Não pode também ser a filosofia acusada de causadora desse estado de coisas, exímio em coibir sonhos ou transformá-los em pesadelos, dado que a filosofia, como disciplina, tem sido excluída da formação básica. Contudo, julgamos que a reflexão sobre o lugar da filosofia em nossas vidas e, em particular, a discussão filosófica com alunos do ensino básico, pode ensejar a abertura de inúmeros horizontes e perspectivas até então não cogitados.

A abordagem dos chamados “temas transversais”, incluindo a ética e a cidadania, requer dos professores domínio interdisciplinar do conhecimento, postura investigativa, autonomia. A filosofia, por seu caráter de transversalidade, constitui-se como um componente com importantes contribuições a dar também na elaboração do projeto pedagógico das escolas.

Finalmente, avaliamos que a consolidação de uma prática docente transformadora das condições que geram o fracasso escolar requer o aprofundamento e a continuidade dos diagnósticos, das análises e das práticas empreendidas em projetos com as características desse projeto. Um processo educativo que visa a valorização do aluno como ser humano integral passa pela reconstrução do seu processo identitário, pela sensibilização e preparo dos professores para uma atuação consciente. Supõe um trabalho contínuo.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Indisciplina na escola – alternativas teóricas e práticas*. 7. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais - ensino médio*. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

DANSA, Lectícia, Dansa, Salmo. *A fábula da convivência*. São Paulo: FTD, 2002 (Coleção o pequeno filósofo).

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

KOHAN, Walter. Uma educação da filosofia através da infância. In: KOHAN, Walter (Org.) *O ensino de filosofia – perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, 233–242.

PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. A brincadeira, o jogo, a criação: crianças e adultos filosofam. In: KOHAN, Walter (org.) *O ensino de filosofia – perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 213–231.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade – o currículo integrado*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial. In: KOHAN, Walter (Org.) *O ensino de filosofia – perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 183–194.

SILVA, Vandeí Pinto da. Dilemas na formação integral do estudante de ensino médio: diretrizes legais e reforma curricular paulista. In: *Cadernos da FFC/UNESP* Marília, v.9, n.2, p. 51-63, 2000.

_____. *O ensino da filosofia na escola média e a mediação entre o cotidiano e o não-cotidiano*. Marília - SP: UNESP, 1998. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista.

SILVEIRA, René José Trentin. *A filosofia vai à escola? Contribuição para a crítica do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman*. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.

VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1984.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2001, p. 103 – 117.